

# BORDADEIRAS DE CASA, UMA GRANDE LUTA PELOS DIREITOS DAS MULHERES

As bordadeiras da Madeira começaram a bordar para as empresas desde finais do século XIX mas só tiveram direito a se sindicalizar a partir de 1976. Travaram, desde então, grandiosas lutas por direitos que nunca tinham tido.



Conseguiram conquistas que foram únicas para trabalhadoras/es domiciliárias/os em todo o mundo.

- Aumentos anuais para o seu trabalho
- Subsídio de desemprego
- Direitos da Segurança Social equiparados às restantes trabalhadoras/es (ex: subsídio de maternidade, subsídio por doença, etc)
- Reforma aos 60 anos com 15 anos de descontos

As suas conquistas influenciaram decisões legislativas que foram tomadas, quer na lei do Trabalho Domiciliário em Portugal, quer na Convenção aprovada pela OIT sobre o mesmo tema.



“Lutar para que o trabalho tenha valor sempre o fiz, e vou fazer até morrer”



Maria Ganança, 66 anos  
Bordadeira e dirigente sindical

# OPERÁRIAS DE BORDADOS: UMA LUTA PELA DIGNIFICAÇÃO DAS MULHERES TRABALHADORAS



Foram as primeiras mulheres madeirenses a trabalhar em fábricas ainda no século XIX. Por isso foram sempre mal vistas pela sociedade que se referiam a elas como as “mulheres dos bordados”.



Com o 25 de Abril de 1974, conquistaram o seu sindicato que era dirigido apenas por homens, alguns deles gerentes das empresas. Travaram uma luta tenaz e unidas conseguiram dignificar a sua profissão, conquistar direitos e adquirir um estatuto importante enquanto trabalhadoras.

Em muitas das lutas travadas na Região, foram um grande exemplo de tenacidade e afirmação do papel da mulher na sociedade madeirense, tendo o seu sindicato um papel muito importante no movimento sindical regional e nacional.



Fizeram parte de uma organização internacional, HOMENET, sendo o seu trabalho um grande exemplo para outras organizações no mundo.

“Depois do 25 de Abril o meu trabalho, a participação no sindicato e nas lutas foram as melhores coisas que tive na vida”



Odete Vieira, 93 anos, costureira reformada  
Presidente da Assembleia Geral do Sindicato durante vários anos

# LUTAS PELOS DIREITOS DAS MULHERES E DOS TRABALHADORES

Na Madeira, as mulheres tiveram sempre uma grande participação em todas as lutas que foram desenvolvidas após o 25 de abril de 1974.



Foram dirigentes e delegadas sindicais aderindo às lutas, defendendo os direitos de todas/os as/os trabalhadores com muita coragem e determinação.



Participaram na negociação coletiva alcançando importantes reivindicações, que ainda hoje estão em vigor. Manifestaram-se em muitas ocasiões contra as políticas patronais e governamentais, que foram colocando em causa os seus direitos, particularmente o direito ao trabalho contra os despedimentos.



As comemorações do dia 8 de Março foram sempre um ponto alto da sua participação, nunca deixando de recordar que este dia existe porque houve mulheres que lutaram, sacrificando a sua vida para que o seu trabalho fosse mais dignificado.



“Tudo o que se faz com entrega vale sempre a pena”

Assunção Bacanhim da Silva, 63 anos  
Dirigente sindical

# O ENSINO EM PORTUGAL: A ESCOLA PÚBLICA E O SINDICALISMO DOCENTE

A I República valorizou muito o Ensino em Portugal, mas veio o Estado Novo que destruiu em grande parte a escola. Salazar precisava que o Povo fosse obediente e analfabeto para mais facilmente o oprimir.

O 25 de Abril redimiou o Ensino e abriu a escola a filhas/os de toda a gente. Em poucos anos aumentou em muito o número de alunas/os e foram precisos, muitas/os professoras/es, para satisfazer as necessidades.



Como havia poucas/os professoras/es formadas/os, o Estado recrutou docentes sem as habilitações exigidas, o que provocou um choque com antigas/os professoras/es.

Foram criados sindicatos onde as/os professoras/es não podiam sindicalizar-se devido ao regime ditatorial de Salazar. Houve quem tentasse manobrar o sindicato da Madeira para que docentes sem habilitação própria não tivessem lugar no sindicato. A luta foi difícil, mas as/os professoras/es mais conscientes conseguiram criar um sindicato na Madeira (o SPM), que nunca se submeteu ao poder político.



Entretanto foi criada a FENPROF, onde o SPM desde o início esteve representado. Esta Federação de Professoras/es tem tido um papel muito importante na luta pelos direitos do setor, que tem sido muito atingido pelas medidas de austeridade levadas a cabo pelos governos.

As mulheres são a maioria de quem trabalha neste setor, deslocando-se de um lado para o outro com muitos prejuízos na sua vida pessoal. Por vezes são as famílias que têm um papel fundamental no apoio.

Em homenagem a uma grande mãe aqui fica o nosso reconhecimento.



“Para merecermos a vida temos que fazer alguma coisa de jeito, por nós e pelos outros”



Conceição Pereira, 77 anos  
Professora aposentada

# VIOLÊNCIA DOMÉSTICA - UMA CHAGA SOCIAL GRAVE

Na Madeira, a violência doméstica é um problema muito grave, e de ano para ano aumentam os casos denunciados. É um flagelo que atinge vários estratos sociais e que tende a agravar-se. A maioria dos agressores são maridos ou mesmo ex-companheiros, e ou estão desempregados, ou são dependentes do álcool. A média de idades situa-se entre os 35 e os 60 anos e a agressão mais visível é a física.



Muitas mulheres são agredidas de forma grave, física, psicológica e sexualmente. Muitas sofrem em silêncio, tendo ainda vergonha de denunciar os agressores com medo das suas reações, mas também com vergonha das críticas de familiares e da sociedade em geral. Muitas aguentam uma vida de sofrimento com medo de perder os filhos e, por eles, dormem com o “inimigo” todos os dias. Felizmente, já existem muitas mulheres que denunciam e enfrentam com muita coragem as novas situações, procurando ajuda a nível associativo e social.

Começam a aparecer situações cada vez mais graves de violência durante o namoro. São muito preocupantes e normalmente são denunciadas por amigos e familiares, porque as jovens ainda têm muita vergonha de denunciar os namorados, levando-nos a refletir que o trabalho de mudança de mentalidades e de comportamentos perante a violência tem que ser mais intensificado a nível de prevenção, que tem que começar em casa e na escola.



“Lutem pela vida. Lutem pelos seus direitos. Façam tudo o que gostarem. Não deixem nada para trás.”

Teresa Vieira, 61 anos  
Funcionária Pública aposentada

# VALORIZAR O PAPEL DAS MULHERES PARA VENCER OS PRECONCEITOS

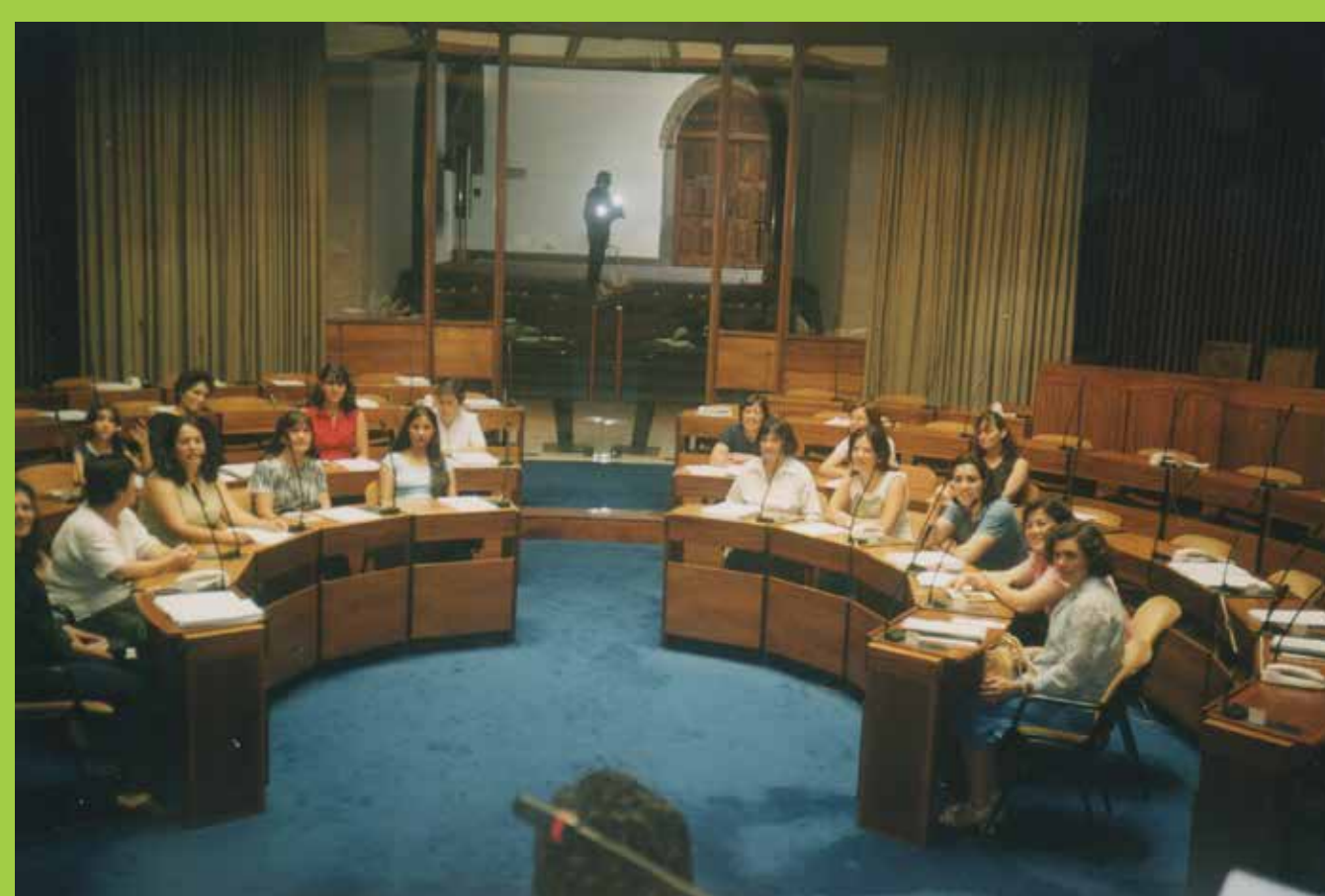
A UMAR na Madeira procurou, ao longo da sua atividade, valorizar o papel das mulheres para que através da sua maior formação elas pudessem alcançar mais objetivos de realização nas suas vidas. Realizou vários debates e conferências, onde os temas da valorização do papel da mulher estiveram sempre em foco, dando importantes contributos a nível político e social.



Desenvolveu, em parceria com o Sindicato dos Bordados, vários cursos de formação, geral e profissional, que foram sem dúvida momentos altos na vida das mulheres que neles participaram e que contaram com apoios comunitários ligados a este tipo de trabalho.



Através de várias visitas de estudo, muitas mulheres tiveram a oportunidade de conhecer várias Instituições como o Parlamento, Tribunal, Museus, Fábricas, etc.



A última formação que foi desenvolvida esteve ligada à inovação do Bordado Madeira, e os produtos durante a mesma produzidos tiveram a honra de serem expostos no Museu de Serralves no Porto, onde a apresentadora Bárbara Guimarães usou um vestido feito pelas formandas desse curso.



A nossa luta foi sempre a de procurar que as mulheres sejam valorizadas por forma a ultrapassar os preconceitos e afirmar o seu papel a todos os níveis da sociedade.

“ Posso estar com o coração preto como a ferrugem mas tenho fé que tudo vou ultrapassar”



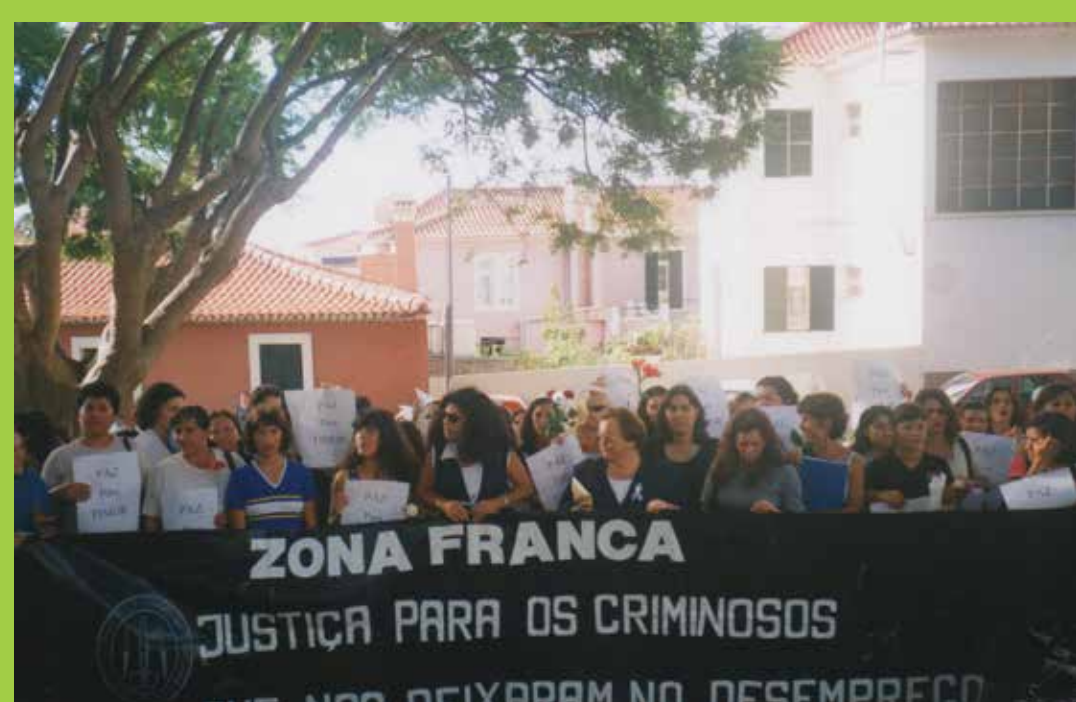
Izídia Rodrigues, 59 anos  
Bordadeira

# MACHICO: A ALEGRIA DA LUTA E DO 25 DE ABRIL, E A TRISTEZA DOS DESPEDIMENTOS NO CANIÇAL

Machico foi um dos Concelhos da Madeira onde o 25 de Abril chegou com muita força. Desde sempre, as mulheres tiveram uma grande participação em todas as movimentações que lá se fizeram sentir. Participaram nos comícios, nas manifestações, nas reuniões e colocaram-se na primeira trincheira da luta reivindicativa por direitos locais e democráticos.



Comemoraram o Dia Internacional da Mulher de forma muito participativa, valorizando sempre que sem luta as mulheres nada conseguem.



Foram um exemplo para as mulheres jovens do Caniçal, que muitas lutas travaram contra os despedimentos das empresas que se instalaram na zona Franca à custa de apoios, e que depois abandonaram a região, colocando centenas de mulheres no desemprego.

“Nasci com o 25 de Abril. Até então, vivia congelada entre umas paredes duma casa e de uma ribeira”



Josefina Melim, 56 anos  
Trabalhadora da hotelaria

# AS MULHERES FORAM UM GRANDE EXEMPLO DE PERSISTÊNCIA NA LUTA DA MATUR E MANTIVERAM AMIZADES ATÉ HOJE

Em Machico, travou-se uma grande luta pela defesa dos postos de trabalho de quem trabalhava no empreendimento Matur/Atlantis. Muitas centenas de trabalhadoras/es, durante muito tempo, travaram duras lutas. A participação das mulheres foi um grande exemplo. O grupo de delegadas sindicais mantém, até hoje, amizades que perduraram no tempo.



Em Machico, as mulheres sempre gostaram de conviver e a sua alegria entre mais velhas e mais novas é um exemplo vivo de que na vida precisamos de estar juntas, conviver e festejar, porque são dos momentos de alegria que também constroem as recordações do nosso futuro.



“Nunca gostei de ser submissa a ninguém e a nada. Desde pequena. Nasceu comigo. Sempre convivi com gente. Nunca me quis isolar.”



Florinda Bento, 68 anos Reformada

# PONTA DE SOL, A REVOLTA DAS ÁGUAS E A VALORIZAÇÃO DAS MULHERES

O Povo da Lombada da Ponta do Sol e do Lugar de Baixo tinha comprado as suas terras a preço de ouro, porque eram terras de colónia. E compraram-nas com direito à água de rega. O Governador da Madeira mandou fazer uma levada por cima da levada dos regantes, de modo a conduzir também aquela água para a hidroelétrica em construção na Calheta.



O Povo da Lombada reagiu e foi ocupar o cabo da levada, numa ribeira no alto da freguesia, com pessoas permanentemente no local, de dia e de noite, para que os senhores do governo não lhes roubassem a água.

Muitas pessoas foram presas, maltratadas, mas o Povo nunca cedeu. Ocuparam o local desde Maio até Agosto. No dia 21 de Agosto de 1962, chegaram lá carros da polícia, maltrataram e prenderam pessoas e balearam a Sãozinha, Belmira da Conceição Gonçalves, estudante de 17 anos, que também estava no local.



No pós-25 de Abril, o povo recuperou os seus direitos sobre a água que era sua e faz parte das suas vidas, pois sem água não podem cultivar a terra. Na Ponta de Sol, as mulheres sempre se destacaram nas lutas pelos direitos do povo, onde a Escola pública ocupou um lugar de destaque.

O positivismo e a forma inclusiva de encarar a deficiência é um exemplo de vida para todas/os. Nestas fotos, homenageamos a alegria de viver da nossa entrevistada Gabriela, que também é mãe.



“Temos que nos agarrar a todas as vitórias. O que não podemos deixar é morrer os nossos sonhos”



Gabriela Relva, 61 anos  
Professora

# ESTAR MAIS PRÓXIMA DA NATUREZA E DO QUE A TERRA OFERECE

As jovens começam cada vez mais a emigrar para fora do país à procura de trabalho, mas há aquelas que voltam mais tarde a Portugal e que estão muito agarradas às suas raízes. A entrevistada Sandra Pereira vem do norte de Portugal, de Soajo, onde as tradições e o folclore são muito importantes para o povo. Os espigueiros de Soajo e a possibilidade de nadar no rio e lagos, no meio da natureza, são duas características dessa localidade.

A vida na Madeira também ainda está muito ligada à natureza e a tudo o que a terra oferece, com as suas paisagens, com o mar, com a montanha e os costumes das pessoas. Temos que ter consciência ambiental para preservar a nossa terra das agressões por mão humana. É importante saber onde vivemos e tentar cuidar disso o mais possível. Uma pessoa sozinha não pode mudar o mundo, mas juntas, talvez possamos guardar uma Terra mais saudável para as próximas gerações.



A entrevistada produz sabonetes e cosméticos naturais, tendo como matéria-prima o azeite e outros produtos 100% naturais. Os sabonetes são feitos à moda antiga e incrementados com plantas, argilas, essências naturais e nada mais. A sua origem remonta o tempo dos castelos, dos reis, em Espanha. Para a Sandra, a simplicidade, o voltar ao natural, preservar a natureza e a nossa saúde e transmitir esses princípios aos filhos, é o mais importante.



“O nosso planeta não é eterno, temos que cuidar dele e voltar às coisas mais simples, que são sempre as melhores.”



Sandra Pereira, 33 anos  
Artesã e Imigrante

# Ecos de memórias de Mulheres



## Participação das mulheres nas lutas

